

Os dramas do Hospital de Base

PACIENTES SOFREM COM FALTA DE FUNCIONÁRIOS E DE MANUTENÇÃO NOS EQUIPAMENTOS E BANHEIROS

Vietnã. Assim, médicos e enfermeiros do Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF) costumam chamar o pronto-socorro (PS) do centro, em referência à guerra entre Estados Unidos e o país asiático, nos anos 60.



A comparação até pode parecer exagerada. Mas, de fato, o espaço insuficiente para a quantidade de atendimentos e o número de doentes espalhados por cada centímetro da ala lembram uma enfermaria de guerra, onde quem consegue ser atendido pode ser considerado um privilegiado.

Por todos os lados, pacientes se aglomeram sobre macas. A atenção dos fun-

cionários, hoje em número insuficiente, tem que ser disputada pelas dezenas de atendidos. Com a carência de materiais e de estrutura, cabe aos médicos e enfermeiros decidirem quem vai ou não receber cuidados.

Nem mesmo o banho é garantido. "Tem doente que vomita, evacua em cima do leito e não podemos trocar a roupa de cama, porque não tem para todos. Pior é dar banho com vidro de álcool, já que o banheiro não funciona direito", conta uma enfermeira, que prefere não ser identificada.

As fraldas, segundo relatos dos funcionários, também estão em falta em muitos hospitais e centros de saúde da rede pública, assim como no HBDF.

Pacientes e enfermeiros contam ainda que, muitas vezes, os sabonetes têm que ser doados pelas famílias dos doentes, ou comprados pelos próprios servidores.

Muitos banheiros do pronto-socorro estão em



PELOS corredores, é comum ver pessoas aglomeradas em cima das macas, sem conforto

condições deploráveis, completamente debilitados pelo uso contínuo e falta de manutenção. A sujeira é constante, segundo reclamam os usuários.

E os contratos de manu-

tenção vencidos têm comprometido equipamentos. No PS, só metade dos tubos de oxigênio ligados aos leitos funcionam. "Essas vagas são reservadas aos pacientes graves", conta a enfermeira

M., que diz nunca ter visto uma situação tão preocupante em 20 anos de trabalho.

Segundo outros profissionais, as dificuldades estruturais atrapalham o desempenho da equipe.

FOTOS: TONY WINSTON

Até elevador dá problemas

De acordo com o médico Pedro Nery, da Unidade de Terapia Intensiva (UTI), nem as unidades de emergência escapam da falta de manutenção e das falhas nos equipamentos.

"Temos aparelhos de ponta e uma estrutura maravilhosa, mas não há como ser eficiente sem suporte técnico", lamenta ele.

Em todas as alas, há equipamentos quebrados. Na radiologia, por exemplo, apenas um dos três aparelhos de raio-X funciona.

Dos restantes, um está quebrado e o outro desativado. No prédio da internação, com 11 andares, só um dos quatro elevadores opera regularmente.

Isso também compromete o trabalho, pois os enfermeiros acabam demorando mais tempo para chegarem aos quartos dos pacientes, que muitas vezes precisam de atendimento rápido.